

NIETZSCHE CONTRA DELACROIX: A DÉCADENCE NA PINTURA ROMANTICA FRANCESA?

ALEXANDRE LETTNIN¹;
LUIS EDUARDO RUBIRA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – lettnin@yahoo.com.br
²Universidade Federal de Pelotas – luisrubira.filosofia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aporta uma reflexão dentro do campo da filosofia da arte, investigando o conceito de *décadence* criado por Nietzsche nos últimos anos de sua obra filosófica, quando dirige seu olhar à cultura francesa, a seus poetas e pintores. Na primavera de 1884 o filósofo afirma: “Ingres: o inventor no século XIX da fotografia colorida para a reprodução de Pérugin e de Raphaël. Delacroix é o antípoda (*c'est l'antipôle*) — imagem da decadência deste tempo (*Bild der décadence dieser Zeit*), o desperdício, a confusão, a literatura na pintura, a pintura na literatura, a prosa em versos, os versos em prosa, as paixões, os nervos, as fraquezas do nosso tempo, o tormento moderno. *Flashes (Des éclairs)* do sublime em tudo isso. Delacroix uma espécie de Wagner” (FP 25 [141]). Tal fragmento nos permite indagar: em que sentido Delacroix seria uma imagem da *décadence*? Talvez por ser também identificado como uma “espécie de Wagner”? A referência de Nietzsche a Delacroix indica que ele já pensava o seu tempo utilizando o conceito fisiológico de *décadence* (os nervos, à fraqueza, constituem elementos do conceito, que aparecem em diversos textos, sobretudo em *O caso Wagner*), sabendo que, somente em 1888 ele iria abordar esse problema em suas obras publicadas e preparadas para publicação.

Não parando por aí, Nietzsche faz novamente referência a Delacroix, criticando o pintor, no ano de 1884, (FP 25 [142]) onde, em resumo, afirma que “Delacroix - prometeu tudo, anunciou tudo”, porém as suas pinturas seriam “fetos de obras-primas”, e que ainda assim “despertará paixões como todo incompleto...”. Em outro destes fragmentos póstumos, pondera sobre a relação do romantismo com a literatura, e com o sentimentalismo, colocando novamente o antagonismo entre Delacroix e Ingres (FP 24 [144]). A seguir em 1885, (FP 34 [166]) o filósofo compara Delacroix com Wagner, acrescentando elementos que julgo importantes para esta pesquisa: declarando que “Delacroix também era um grande músico”, indicando que “seu primeiro intérprete foi Baudelaire” que seria uma espécie de Wagner sem música, ainda citando o “nervoso”, o “mórbido” presente em ambos artistas. Em 1885, ele associa Delacroix a degeneração (FP 36 [42]). Aqui é importante destacar que a *décadence*, fisiologicamente, é uma degeneração (*Entartung*). O autor de Zarathustra vai abordar a *décadence*/degeneração dos gregos, dos judeus, da política, da arte, etc (FP 37 [15]). Neste mesmo ano, ele aproxima Delacroix e Wagner ao abordar Baudelaire: “se Baudelaire foi o primeiro defensor de Delacroix, logo “talvez” ele seria o “primeiro wagneriano de Paris” (FP 38 [5]). Neste momento, Nietzsche parece desconhecer o que Baudelaire pensa sobre Wagner e, temos que aceitar a possibilidade de que ele tenha outras fontes

para abordar Delacroix, que não seja os textos de Baudelaire. Repetindo alguns parágrafos dos fragmentos póstumos o filósofo afirma, em *Além do bem e do mal*, que “o romantismo tardio francês da década de 1840 e Richard Wagner pertencem um ao outro” destacando “Delacroix, parente mais próximo de Wagner - todos grandes exploradores do reino do sublime, também do feio e do hediondo, descobridores ainda maiores nos efeitos, na exibição, na arte da exibição...” (*Além do bem e do mal*, § 256). Já em seu livro *Ecce Homo*, no capítulo “como sou tão inteligente” afirma: “Como artista, não se tem nenhuma pátria na Europa além de Paris; a *délicatesse* nos cinco sentidos artísticos, que a arte de Wagner pressupõe, os dedos para nuances, a morbidez psicológica encontram-se apenas em Paris. Em nenhum outro lado se tem a paixão em questões de forma, esta seriedade na *mise en scène* – eis a seriedade parisiense *par excellence*. Na Alemanha, não se tem idéia da colossal ambição que vive na alma de um artista parisiense. O alemão tem bom coração – Wagner decididamente não o tinha... Mas já falei a contento (em *Além do bem e do mal*) sobre qual o lugar de Wagner, onde estão seus parentes mais próximos: é o romantismo francês da última fase, aquela espécie altaneira mas arrebatadora de artistas como Delacroix, como Berlioz, com um *fond* de enfermidade, de incurabilidade no ser, puros fanáticos da expressão, virtuosos de cima a baixo... Quem foi o primeiro adepto inteligente de Wagner? Charles Baudelaire, o mesmo que primeiro comprehendeu Delacroix, aquele típico *décadent*, no qual uma inteira geração de artistas se reconheceu – também o último talvez...”

2. METODOLOGIA

Estamos utilizando nesta pesquisa o método do estruturalismo genético que procura analisar totalidades estruturadas, observando qual é a dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação das suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total. “A categoria da totalidade significa que qualquer fenômeno cultural, tem que ser visto como parte de uma totalidade mais ampla, e que essa totalidade tem de ser vista como uma estrutura” (LÖWY, 1986). Em outras palavras, essa totalidade não é um conjunto homogêneo, é algo que é estruturado e sua estrutura é o tipo de relação que se estabelece entre as partes e o todo: existe um tipo de articulação entre as várias partes dessa totalidade e esse conjunto, que constitui a estrutura total.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É interessante observar, a partir dos textos, que existe uma inclinação do filósofo pela obra do artista Ingres, lembrando que o pintor Delacroix e o poeta Baudelaire - ambos considerados artistas da *décadence* - realizaram críticas ao mesmo, o que possivelmente justificaria a posição de Nietzsche favorável ao pintor conservador. De certo modo, ao adotar um posicionamento contra Delacroix, podemos deduzir que ele estaria ao mesmo tempo criticando os artistas da *décadence*. Personagens conhecidos da literatura da época e lidos por Nietzsche, como por exemplo, os irmãos Goncourt, também teceram críticas a obra do pintor Ingrés. Baudelaire reconhecia as qualidades do mestre conservador, porém, em seus escritos sobre a modernidade, afirma que “o grande defeito de Ingres, em particular, é querer impor a cada tipo que posa diante de seus olhos um aperfeiçoamento mais ou menos compulsório, colhido no repertório das idéias

clássicas" (1996). O autor de *Flores do Mal* que fazia visitas ao atelier de Delacroix manifestava por este a sua preferência em artigos de jornais. Como se pode observar é relevante para o entendimento do pensamento nitzcheniano, abrir uma discussão sobre os movimentos artísticos do classicismo e do romantismo francês do século XIX.

Jean-Auguste Dominique Ingres (1780-1867) considerado o principal mestre conservador na primeira metade do século XIX, foi discípulo de Jacques Louis David, grande expoente do estilo neoclássico. Em sua obra pictórica, Ingres não tentava interpretar os sentimentos, a psicologia ou o drama do personagem, que consistia apenas em algo cuja forma queria definir claramente: "o desenho é a honestidade da arte" repetia. Assim a forma, composta pela síntese entre linha, chiaroscuro, cor e luz, "estava ligada à realidade, à singularidade da coisa; era aquilo que se vê, com a condição de que se veja bem, com absoluta clareza" (ARGAN, 1992). Sendo algo realizado e plenamente significativo, a obra de arte não tem funções cognitivas ou morais, não serve ao estado nem a igreja, à revolução nem a reação. Traz em si a sua própria razão intelectual e sua moral. Tampouco depende de um ideal estético dado; se tanto, é a arte que faz a estética, porque revela o significado que a forma tem enquanto forma, e não como explicitação de um conteúdo.

O ponto de convergência de todos os adversários de Ingres era a arte de Eugène Delacroix (1798-1863), para este a cor era mais importante que o desenho e a imaginação mais do que o saber. Refratário aos temas que a Academia desejava que os pintores ilustrassem, viajou para o norte da África em 1832 a fim de estudar as cores resplandecentes e as roupagens românticas do mundo árabe. O crítico de arte alemão Julius Meier-Graefe que dedicou uma centena de páginas ao artista em seu livro sobre a Arte Moderna, observa que "escrever adequadamente sobre Delacroix seria relatar toda a história da arte moderna" (1908). A sua vasta obra pictórica bem como suas ações sobre a arte e a cultura de sua época identificam-se com as idéias e os sentimentos de toda uma geração; rebelde aos princípios defendidos pela tradição e aos preconceitos demoradamente constituídos do gosto comum, como apontava Charles Baudelaire, poeta que fora um dos primeiros, mais articulados e firmes entusiastas do pintor: "Delacroix era uma estranha mistura de ceticismo, cortesia, dandismo, vontade ardente, astúcia, despotismo e de uma espécie de bondade singular e doçura que sempre acompanha o gênio" (2014). Durante mais de meio século, Delacroix esteve envolvido no movimento intelectual do seu tempo. Conheceu todos os homens ilustres da Monarquia de julho, da I República de 1848 e do Segundo Império. Delacroix, um erudito, leitor da filosofia antiga e clássica, e dos textos bíblicos sem jamais ser religioso, um cético que trazia em si as marcas desta esfera secular com dignidade própria que brotou com o espírito revolucionário: "a liberdade de escolhas temáticas era visível em suas obras cuja inspiração trazia a arte mais próxima da vida sensível e da realidade tangível, sem a predominância de devaneios espirituais" (ARGAN, 1992). Através de sua obra, arte deixa de se remeter ao antigo e se propõe ser, a qualquer preço, do seu próprio tempo.

4. CONCLUSÕES

Torna-se evidente através das citações e aforismos, que Nietzsche comprehende a Delacroix de maneira análoga a sua compreensão do músico

Wagner, sendo ambos, uma imagem ou expressão da *décadence*. Nesse sentido, é importante ter em mente a amplitude do horizonte conceitual da *décadence*, considerando que existem diferenças entre o que o filósofo conceituou, bem como aquilo que os próprios artistas da *décadence* compreendiam sobre o termo. O movimento artístico da *décadence* não deve ser necessariamente aproximado e considerado com o mesmo sentido do conceito nietzschiano: tal movimento estético é histórico, é a expressão de uma época, de um país, de uma cultura e ligado a determinados artistas e escritores. Nietzsche, por sua vez, passa a compreender a *décadence* como algo que ocorre em todas as épocas, algo histórico, uma desagregação fisiológica. Em outras palavras, o filósofo parece avaliar a Delacroix e igualmente a Wagner, como expressões de uma desagregação das forças, de uma vida em declínio - que corroboram para a degeneração da cultura francesa – como personagens essenciais para o entendimento de seu conceito.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, G.C. **Arte Moderna: Do iluminismo aos movimentos contemporâneos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BAUDELAIRE, C. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUDELAIRE, C. **L'oeuvre et La vie d'Eugène Delacroix.** Paris : FB Editions, 2014.
- DELACROIX, E. **Journal - 1853 a 1856 Deuxième volume.** Paris: Librairie Plon, 1932.
- ESMANHOTTO, S. **Delacroix.** São Paulo: Abril, 2011.
- LÖWY, M. Goldmann e o estruturalismo genético. **Serviço Social & Sociedade.** São Paulo: n. 125, p. 24-40, jan./abr. 2016.
- MARTON, S. **Dicionário Nietzsche.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- MEIER-GRAEFE, J. **Modern art: a contribution to a new system of aesthetics.** London: W. Heinemann, 1908.
- NIETZSCHE, F. **Ecce homo.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. **O Caso Wagner - Um problema para músicos.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. **Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: (1882-1885) (Vol. III).** Madrid: Editorial Tecnos, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: (1885-1889) (Vol. IV).** Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- PETRY, I. R. **Arte e décadence em Nietzsche: o caso Wagner e outros escritos.** 2015. 141p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Universidade de São Paulo.